



Lumière et Sagesse

Para quem tem amor aos semelhantes

Antologia Mediúnica do Natal - Mensagem 15

O ENCONTRO DIVINO

Quando o cavaleiro D'Arsonval, valoroso senhor em França, se ausentou do medievo domicílio, pela primeira vez, de armadura fulgindo ao Sol, dirigia-se à Itália para solver urgente questão política.

Eminente cristão trazia consigo um propósito central – servir ao Senhor, fielmente, para encontra-lo.

Não longe de suas portas, viu surgir, de inesperado, ulceroso mendigo a estender-lhe as mãos descarnadas e súplices.

Quem seria semelhante infeliz a vaguear sem rumo?

Preocupava-o serviço importante, em demasia, e, sem se dignar fixa-lo, atiroulhe a bolsa farta. O nobre cavaleiro tornou ao lar e, mais tarde, menos afortunado nos negócios, deixou de novo a casa.

Demandava a Espanha, em missão de prelados amigos, aos quais se devotara.

No mesmo lugar, postava-se o infortunado pedinte, com os braços em rogativa.

O fidalgo, intrigado, revolveu grande saco de viagem e dele retirou pequeno brilhante, arremessando-o ao triste caminheiro que parecia devora-lo com o olhar.

Não se passou muito tempo e o castelão, menos feliz no círculo das finanças, necessitou viajar para a Inglaterra, onde pretendia solucionar vários problemas, alusivos à organização doméstica.

No mesmo trato de solo, é surpreendido pelo amargurado leproso, cuja velha petição se ergue no ar.

O cavaleiro arranca do chapéu estimada joia de subido valor e projeta-a sobre o conhecido romeiro, orgulhosamente,

Decorridos alguns meses, o patrão feudal se movimenta na direção de porto distante, em busca de precioso empréstimo, destinado à própria economia, ameaçada de colapso fatal, e, no mesmo sítio, com rigorosa precisão, é interpelado pelo mendigo, cujas mãos, em chaga abertas, se voltam ansiosas para ele.

D'Arsonval, extremamente dedicado à caridade, não hesita. Despe fino manto e entrega-o, de longe, receando-lhe o contacto.

Depois de um ano, premido por questões de imediato interesse, vai a Paris invocar o socorro de autoridades e, sem qualquer alteração, é defrontado pelo mesmo Lázaro, de feição dolorida, que lhe repete a antiga súplica.

O Castelão atira-lhe um gorro de alto preço, sem qualquer pausa no galope, em que seguia,
presto.

Sucedem-se os dias e o nobre senhor, num ato de fé, abandona a respeitada residência, com
séquito festivo.

Representará os seus, junto à expedição de Godofredo de Bouillon, na cruzada com que se
pretende libertar os Lugares Santos.

No mesmo ângulo da estrada, era aguardado pelo mendigo, que lhe reitera a solicitação em voz
mais triste.

O ilustre viajor dá-lhe, então, rico farnel, sem oferecer-lhe a mínima atenção.

E, na Palestina D'Arsonval combateu valorosamente, caindo, ferido, em poder dos adversários.

Torturado, combalido e separado de seus compatriotas, por anos a fio, padeceu miséria e
vexame, ataques e humilhações, até que um dia, homem convertido em fantasma, torna ao lar
que não o reconhece.

Propalada a falsa notícia de sua morte, a esposa deu-se pressa em substituí-lo, à frente da casa,
e seus filhos, revoltados, soltaram cães agressivos que o dilaceraram, cruelmente, sem
comiseração para com o pranto que lhe escorria dos olhos semimortos.

Procurando velhas afeições, sofreu repugnância e sarcasmo. Interpretado, agora, à conta de
louco, o ex-fidalgo, em sombrio crepúsculo, ausentou-se, em definitivo, a passos vacilantes...
Seguir para onde? O mundo era pequeno demais para conter-lhe a dor. Avançava, penosamente,
quando encontro o mendigo.

Relembrou a passada grandeza e atentou para si mesmo, qual se buscasse alguma coisa para
dar.

Contemplou o infeliz pela primeira vez e, cruzando com ele o olhar angustiado, sentiu que
aquele homem, chegado e sozinho, devia ser seu irmão. Abriu os braços e caminhou para ele,
tocado de simpatia, como se quisesse dar-lhe o calor do próprio sangue. Foi, então, que,
recolhido no regaço do companheiro que considerava leproso, dele ouviu as sublimes palavras:

"-- D'Arsonval, vem a mim! Eu sou Jesus, teu amigo. Quem me procura no serviço ao próximo,
mais cedo me encontra... Enquanto me buscavas à distância, eu te aguardava, aqui tão perto!
Agradeço o ouro, as jóias, o manto, o agasalho e o pão que me deste, mas há muitos anos te
estendia os meus braços, esperando o teu próprio coração!...

O antigo cavaleiro nada mais viu senão vasta senda de luz entre a Terra e o Céu... "

Mas, no outro dia, quando os semeadores regressavam às lides do campo, sob a claridade da
aurora, tropeçaram no orvalhado caminho com um cadáver.

D'Arsonval estava morto.

Espírito: IRMÃO X.

Livro: Antologia Mediúnica do Natal >> **Autor(es):** Francisco Cândido Xavier / Espíritos
Diversos